



INTENTAR SER PÁSSARO: UMA CONVERSA COM SUSY SHOCK

Joanna Leoni ¹

ATTEMPT TO BE A BIRD: A CONVERSATION WITH SUSY SHOCK

INTENTAR SER PAJÁRO: UNA CONVERSACIÓN CON SUSY SHOCK

¹ Mestra e Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8588149704474652>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1478-9201>. joleoni.artista@gmail.com

RESUMO

Uma conversa entre duas travestis sudacas sobre a potência travesti de reinventar linguagens e futuros. Em tempos de colapso, só podemos existir como pássaros, porque não pedimos permissão para ser, porque somos invenção e urgência. Herdamos a rebeldia das que vieram antes, honramos suas memórias e plantamos sementes para as que virão. Criamos espelhos, multiplicamos palavras, fabricamos caminhos novos, e por isso somos perigosas. Somos perigosas porque recusamos o mundo como nos é dado, escrevendo novas possibilidades com nossos corpos, como mapas de resistência, como arquivos vivos que desmontam as certezas deste mundo. Escrevemos, cantamos e dançamos como pássaros perigosos, que sonham e bradam o desejo de sonhar

Palavras-chave: trans/escritas; travesti; arquivo; Susy Shock; entrevista.

ABSTRACT

A conversation between two South American travestis about the travesti power to reinvent languages and futures. In times of collapse, we can only exist as birds, because we don't ask permission to be, because we are invention and urgency. We inherit the rebellion of those who came before, honor their memories, and plant seeds for those yet to come. We create mirrors, multiply words, forge new paths, and that's why we're dangerous. We're dangerous because we refuse the world as it's given to us, writing new possibilities with our bodies, as maps of resistance, as living archives that dismantle this world's certainties. We write, sing, and dance like dangerous birds who dream and shout the desire to keep dreaming.

Keywords: trans/writings; travesti; archive; Susy Shock; interview.

RESUMEN

Una conversación entre dos travestis sudacas sobre la potencia travesti para reinventar lenguajes y futuros. En tiempos de colapso, sólo podemos existir como pájaro, porque no pedimos permiso para ser, porque somos invención y urgencia. Heredamos la rebeldía de las que vinieron antes, honramos sus memorias y plantamos semillas para las que vendrán. Creamos espejos, multiplicamos palabras, fabricamos caminos nuevos, y por eso somos peligrosas. Somos peligrosas porque rechazamos el mundo como nos fue dado, escribiendo nuevas posibilidades con nuestros cuerpos, como mapas de resistencia, como archivos vivos que desmontan las certezas de este mundo. Escribimos, cantamos y bailamos como pájaros peligrosos que sueñan y gritan el deseo de seguir soñando.

Palabras-clave: trans/escrituras; travesti; archivo; Susy Shock; entrevista.

Autora (A): Susy, você nos convida, através da arte, a conhecer um novo tango. Um tango travesti. Como a dança, a música, a escrita, a poesia, as artes podem ser travesti?

Susy Shock (SS): Nesses momentos do mundo tão estritamente higiênicos, me parece que a palavra travesti segue sendo, talvez, a única palavra possível. Permitamos outras, claro. Mas há algo nessa palavra que fere, que marca fronteira, que recusa o conforto, que conota uma grande insatisfação com o estabelecido. Não somos nem homens nem mulheres. Acho que é, talvez, da dissidência sexo-gênero a única palavra que, em si, significa quase uma advertência. Não somos vocês. Então, não importa a música, se é tango, se é rock, se é punk, me parece que há uma atitude travesti que é a que precisamos transmitir, ensinar, deixar como herança para as próximas gerações. Porque tudo está em colapso. Porque tudo morre. E diante do fracasso, talvez só reste inventar uma outra forma de viver. Temos que nos aproximar de algo diferente, de algo que implique fugir disso, que é todo o fracasso.

A: Estamos vendo um alcance muito importante de produções artísticas e literárias travestis na América Latina. Susy Shock, Camila Sosa Villada, Marlene Wayar, Claudia Rodriguez, Amara Moira. O termo trans/escrita vem sendo utilizado para nomear estas produções. O que são 'trans/escritas' para você?

SS: Nós reivindicamos mais a palavra travesti que trans. Travesti é uma palavra em disputa, inclusive entre as próprias travestis. É palavra ferida, rasgada por insultos, marcada por dor. Muitas não conseguiram se reconciliar com ela, não puderam fazer dela uma amiga. Porque dói. Porque nela habita o inimigo. Nos Estados Unidos é uma palavra que só é pejorativa, salvo para o migrante. Eu voltei agora ao fim do ano passado, e senti uma grande diferença com a minha primeira vez em 2019, porque

há muitas jovens dizendo: “somos travestis, e somos migrantes.” Acho muito interessante pensar que fazemos parte dessas gerações que também nos contam histórias a partir dessas margens. Não sei se ajudamos a época ou se ela nos acompanha, mas compartilhamos histórias parecidas. Camila é mais jovem, mas Claudia, Marlene e eu temos a mesma idade, há algo aí de uma visão de mundo travesti, e ao mesmo tempo é algo muito sudaca também. Insistir em sermos.

A: Você acha que estas produções literárias são um ato de cura coletiva, um arquivo vivo, um tipo especial de revolução? O que elas são?

SS: Acho que tudo isso, além das razões pessoais que levaram cada uma a abraçar a literatura. Acontece porque somos essas gerações que começaram a falar em voz própria. Gerações que romperam as interlocuções, as mediações, até as artísticas e estéticas, para dizer: ‘Eu vejo o mundo assim. Eu amo assim. Eu me desamo desta maneira. Eu quero protagonizar minha época.’ É um espelho gigante e fascinante, porque nós, quando jovens, não tínhamos esses espelhos. Tínhamos que olhar para a rebeldia da mulher, com sorte, decodificar, reinterpretar, e nos lançar em nossa própria busca, que não era ‘ser mulher’. Hoje há gerações que podem olhar, ler, ouvir, pensar, sonhar e cantar com uma estética travesti. Isso me parece impressionante. Isso é precioso.

A: Como tem ocorrido o processo de nomeação de outras identidades dissidentes na Argentina?

SS: O trans é um termo guarda-chuva para travestis, transsexuais, transmasculinidades, acho que isso é o mais universal que encontramos para nos sentirmos como comunidade. Transmasculinos mais jovens começaram a se denominar travos na Argentina. Travas e travos. Quando você fala com eles, eles não querem ser homens, não querem a réplica

do homem, não querem a réplica, inclusive, do masculino que significaria não transitar. Sabem que não são mulheres, sabem que não querem ser homens, e que também na palavra travo tem encontrado algo que nós também temos encontrado. Não somos homens nem mulheres, somos outra coisa.

A: Em “Cartas para Uriel”, você conta para esta criança sobre a maldade do mundo, a dor, a violência ao qual a humanidade trata o outro, a natureza, o diferente. Você termina uma destas cartas com um ensinamento que me é muito importante: “*Sólo nos queda el poema de diferenciarnos, intentar otra apuesta, ir por otro lado, no parecerse a ellos, cederles la farsa, intentar ser pájaro: eso.*” (Shock, 2020). Como podemos transformar a violência e a cicatriz através das palavras?

SS: Tem relação com a pergunta anterior, não é? Nos nomear. Talvez a urgência da identificação política faça com que também sejamos essas gerações que precisam agarrar palavras, como eu disse no começo, que foram pejorativas, que foram insultos, e roubá-las para criar um sentido de pertencimento, de comunidade, um orgulho que nos permita enfrentar esse mundo. Acho que o desafio é nos sentirmos pássaros: sentir que, quando nossa vida não está em risco, quando não precisamos passar o tempo todo protegendo as crianças do medo, do dano que podem sofrer, do ódio que podem receber, do risco de morte, aí, merecidamente, podemos pensar no jogo dessas palavras. Porque nosso corpo, nossa identidade, se constrói nesse jogo. E acho que ainda nos falta algo, algo que o mundo nos deve: a paz para continuar nos construindo de milhares de outras maneiras. E esse, me parece, é o convite para o resto do mundo, que não é travesti e trans. Acho que inclusive isso é o que há de perigoso em nós: incentivamos os outros a questionar as certezas do que são, do que é ser homem e mulher, e para que servem, afinal, esses homens e essas mulheres.

A: Quais são as estratégias para a nós, pessoas trans e travestis, continuemos com essa força coletiva de sermos pássaros?

SS: Eu creio que é nossa obrigação, quando nos nomeamos pássaros. Estamos propondo uma poética de como ser. Nós conhecemos as travestis artistas porque estamos pensando de outras formas a possibilidade de um mundo. E creio que devemos ser firmes nisso. Não podemos recuar desses espaços onde, mesmo falando de política, falamos de nos tornar pássaros. Isso pode ser algo que se constrói do nada, como ser travesti. Poucas coisas, neste mundo capitalista de consumo, de pressa, de tecnologia, de fim, de colapso, podem ser criadas do nada como ser travesti. O que quer dizer: somos pássaros. Somos perigosas. Somos uma possibilidade de ensinar a esse mundo a sobreviver a qualquer colapso, a pensar além das lógicas que nos trouxeram até aqui. Repito: por isso somos perigosas. Repito o exemplo que venho citando: a filha de Elon Musk renunciou ao sobrenome e à herança mais importante do mundo, porque há algo mais valioso que toda a prata e todos os sobrenomes: ser você mesma. Oxalá, a aventura dessa menina seja, finalmente, ser esse pássaro. Oxalá ela encontre comunidade para isso, porque sozinha não dá. A atitude dela já expõe as batalhas que travamos nesta lógica do mundo. Somos perigosas. Elon Musk sabe. Ele abrigou a inimiga no centro de sua casa. E essa inimiga questiona algo mais poderoso que todo o dinheiro do mundo, mais perigoso que todas as lógicas de poder: ser você mesma, nem mais, nem menos. Veremos se Elon Musk é ele mesmo. Acho que não. Daí o perigo.

A: Temos visto importantes movimentos de inscrição da memória Trans e Travesti no mundo, como em ações do *Archivo de La Memoria Trans*, Museu Bajubá, Museu Transgênero de História e Arte. Qual a importância do registro e da memória trans/travesti?

SS: Chegar! Chegar às novas gerações. As pessoas jovens, travestis e trans, têm memória. Constroem-se sobre uma história. As jovens aqui na Argentina falam de Luana Berkins, falam de Diana Sacayán. Não as conheceram, mas sabem que suas lutas política e vital não são mais nem menos que a consequência de suas próprias existências travesti e trans. Há uma frase que diz: “Há coisas que não verei, mas vale o compromisso para que aconteçam.” Ouvi isso de adolescentes. E isso marcou minha vida. Creio que as jovens sabem que há alguém que lhes deixou algo, mesmo que já não esteja vivo neste mundo. Acho que o ensinamento mais valioso, e por isso somos perigosas, é que a juventude cresça sabendo que deve deixar algo. Que deve viver para legar algo a outro que ainda não nasceu. Que terá nossas histórias, nossos espelhos, nossa poética, nossas lógicas.

A: Como pessoas trans, que passos inventamos para que nossas memórias continuem vivas?

SS: Acho que a arte, especialmente a memória da arte, isto é: aquilo que permanece mesmo quando a luz elétrica se apaga. Porque basta ter estado na retina, na memória e no sentimento de quem a viveu. Valorizo profundamente as artes cênicas, essa coisa intransferível que somos nós duas aqui hoje. Algo acontece que depois precisa ser contado pela memória de quem participou, além do gravado, além do transcrito. Algo que primeiro passa pelo corpo e pela lembrança. Os povos se reuniam ao redor do fogo para ouvir histórias. Não havia internet, não havia livros. A humanidade é humana justamente por essa mística que existe além da luz elétrica, além de todos os inventos modernos. Precisamos recuperar esse instinto que nos constitui, esse monte de coisas radicalmente alheias ao capitalismo, estranhas à sociedade de consumo. É por isso que valorizo tanto a arte cênica. Alguém cantando ao vivo, e você se lembra. Adoro quando converso com amigas e amigos e me contam: “Dez anos

atrás, estive naquele recital onde fulano cantou... Lembra?” “Sim, eu também estava!” Algo acontecia ali, algo intransferível, irrepetível, mas que tocou exatamente quem precisava estar presente. Isso é poderoso.

A: Que mensagem você gostaria de deixar como semente desta conversa?

SS: Me parece que é um momento muito rico, que dói muito, que nos confunde muito, que inclusive lacera muito, mas é um momento riquíssimo para nos aventurarmos. Para pensar no impensado. Para propor o improposto. Me parece que esse é o desafio: constituir-se no novo. É o desafio do que está longe do *mainstream*, longe do mercado: extrair novas lógicas que abracem tantos que hoje não têm nada, nem para comer, nem sonhos. O problema desta época é que nos roubaram a capacidade de sonhar. Ninguém consegue imaginar que há algo novo por vir. Aí é onde precisa estar a arte, o pensamento, as dissidências. Precisamos nos animar a ir além até da nossa própria história de reivindicações. Agora precisamos parar de ser o que fomos para pensar o novo. E o novo, seguramente, será mais bonito se ousarmos construí-lo pelas margens. *Eso*.

REFERÊNCIAS

SHOCK, Susy. Cartas a Uriel: el recreo. **La Vaca**. 2020. Disponível em: <https://lavaca.org/mu147/cartas-a-Uriel-el-recreo/>. Acesso em: 08 jun. 2025.

Data de submissão: 23/06/2025
Data de aceite: 14/11/2025
Data de publicação: 11 /12/2025